

**RESENHA DO LIVRO:  
A SOCIEDADE ANÁRQUICA  
Hedley Bull, Univ. de Brasília, 2002.**

**Capitão-de-Corveta (IM) Claudio Rodrigues Corrêa**

A temática das Relações Internacionais (RI), ultrapassando as fronteiras do ambiente diplomático e acadêmico, bate às portas do cidadão comum na forma de manchetes que trazem palavras-chave como globalização, protocolo de Kyoto, inspeção de armas nucleares e eixo do mal, entre outras. Presente desde a antigüidade grega (como na História da Guerra do Peloponeso – Tucídides), tal temática recebeu significativa contribuição, no que tange ao poder dos Estados, com Thomas More, Maquiavel, Hobbes e Montesquieu. Após a Primeira Guerra Mundial, surgiu como disciplina e desenvolveu-se rapidamente, transformando-se em área essencial de conhecimento e indispensável para o entendimento do cenário atual.

Em “A Sociedade Anárquica”, o autor discute questões centrais das RI, como a distinção entre sistema internacional (sistema de Estados) e sociedade internacional (sociedade de Estados). O título pode causar repulsa ou indiferença por, supostamente, levar a crer que o autor trata da ausência de poder em uma sociedade local. Mas, ele faz sentido quando se lê o subtítulo “Um estudo da ordem da política mundial” e percebe-se que Hedley Bull defende que: a) existe uma ordem mundial estabelecida entre os Estados,

os quais formam uma sociedade; e b) não há um poder central que controle a todos os Estados, logo, tal sociedade é anárquica.

Esta obra publicada no Brasil exclusivamente pela Universidade de Brasília, faz parte de uma Coleção de Clássicos do Instituto de Pesquisa das Relações Internacionais, composta pelas principais obras de relevantes autores como Kant, Clausewitz, Hobbes, Morgenthau, J.M. Keynes e Raymond Aron. Esta coleção objetiva facilitar, ao público interessado, o acesso às obras consideradas fundamentais para o estudo das RI em seus aspectos histórico, conceitual e teórico.

Seu autor ganhou prestígio internacional entre os especialistas nesta área por publicar *The Control of the Arms Race: Disarmament and Arms Control in The Missile Age* (New York, Preager, 1961) após ter permanecido algum tempo nos EUA como observador acadêmico nas Universidades de Harvard e de Chicago. Nascido e graduado (Filosofia e Direito) na Austrália, obteve o título de Mestre em Ciência Política na Universidade de Oxford, Inglaterra. Ali, tornou-se o mais brilhante discípulo de Martin Wight, segundo o qual a análise das RI deve ser feita a partir das idéias centrais das três

maiores tradições do pensamento ocidental: o Realismo de Maquiavel; o Racionalismo de Hugo Grotius; e o Revolucionismo de Kant.

Com este *Anarquical Society* (1977), Bull tornou-se conhecido (agora também entre os estudantes) como o mais importante representante da corrente teórica conhecida como Escola Realista Inglesa. O autor define o projeto de uma teoria normativa das RI que considera perfeitamente possível o estabelecimento de critérios de objetividade (despidos de valores) que fundam a ordem internacional. Tal linha de reflexão desperta críticas, principalmente, por parte daqueles que entendem que todas as variações das teorias das RI partem das mesmas matizes excludentes: a realista e a idealista.

Segundo Bull, um sistema internacional se constitui “*quando dois ou mais estados têm suficiente contato entre si, com suficiente impacto recíproco nas suas decisões, de tal forma que se conduzam, pelo menos até certo ponto, como partes de um todo.*” Em contraste, há sociedade internacional “*quando um grupo de estados, conscientes de certos valores e interesses comuns, formam uma sociedade, no sentido de considerarem-se ligados, no seu relacionamento, por um conjunto comum de regras, e participam de instituições comuns.*”

Ao longo do texto, o autor discute com profundidade o conceito de ordem mundial, questiona sua existência e como ela é mantida na política mundial. Confronta a ordem com a justiça na política mundial.

Argumenta que há relações entre a ordem internacional e os conceitos de equilíbrio de poder, de direito internacional, de diplomacia, de guerra e as das grandes potências. Em último bloco de capítulos, aborda, para o sistema de Estados, as questões das suas alternativas, do seu declínio e obsolescência e de como reformá-lo.

Entre as reflexões de Bull, destaca-se a atenção com aspectos culturais envolvidos nas RI. No prefácio desta edição, o professor Williams Gonçalves (da \*UFF e da \*\*UERJ) comenta que, como muito da direção imprimida aos estudos da RI nos EUA e Inglaterra deriva do processo de substituição do papel de potência hegemônica (confirmado na Segunda Guerra Mundial), a obra de Hedley Bull é a que mais representa o modo britânico de ver o mundo, em distinção do modo norte-americano. Enquanto o imperialismo norte-americano é essencialmente financeiro, o inglês é colonialista, o que implica impor suas língua e instituições, bem como conhecer práticas e crenças dos povos, com ação de historiadores, antropólogos, humanistas e cientistas sociais ao lado dos empresários em busca das riquezas do país colonizado. Embora concorde com os teóricos norte-americanos no que tange à prioridade das relações verticais de poder, Bull considera que também são possíveis relações horizontais de cooperação.

Outro destaque é a abordagem em relação ao Terceiro Mundo. Bull rejeita a tese de que a

\* Universidade Federal Fluminense

\*\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro

formação da sociedade internacional tenha se dado pela pura e simples ocidentalização do mundo e atribui à ação político-diplomática dos países do Terceiro Mundo a geração de mudanças internacionais significativas em um clima legal e moral bastante desfavorável para as potências ocidentais.

A sociedade anárquica, embora não disponha de um poder central, tem por característica um consenso entre os Estados que a compõem, em torno

de alguns interesses comuns que procuram preservar mediante o respeito a determinadas instituições e regras. Em que pese o fim da guerra fria e o risco da guerra nuclear não ser mais visto como possibilidade objetiva, novos problemas decorrentes da luta pela preservação das culturas apresentam desafios para a ordem mundial e fazem com que esta obra permaneça como referência indispensável ao debate sobre tais questões.